

FEMINISMO NEGRO INTERSECCIONALIDADE ENEGRECER O FEMINISMO


MÔNICA DE MELO



monicademel@gmail.com

CRÍTICA À CATEGORIA GÊNERO COMO IMPERATIVO DE VISIBILIZAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS

CRÍTICA à categoria gênero, construída pelas acadêmicas feministas, ativistas e movimentos de mulheres, de uma perspectiva **eurocêntrica, ocidental, branca e colonizadora**, como insuficiente, muitas vezes inadequada e silenciadora das opressões que perpassam as mulheres negras.




CRÍTICA À CATEGORIA GÊNERO COMO IMPERATIVO DE VISIBILIZAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS

O **feminismo negro** tem buscado evidenciar a centralidade da raça na luta pela emancipação das mulheres, das quais as mulheres negras também fazem parte. Mobiliza-se para essa leitura o pensamento das autoras **Oyèrónké Oyěwùmí, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro** que problematizam a categoria de gênero a partir das epistemologias e experiências das mulheres negras.

CRÍTICA À CATEGORIA GÊNERO COMO IMPERATIVO DE VISIBILIZAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS

PREOCUPAÇÕES INICIAIS:

- **GARANTIR IGUAL PROTEÇÃO DAS MULHERES NEGRAS** no que se refere aos direitos humanos e fundamentais;
- **DADOS** de violência contra as mulheres demonstram que as mulheres negras tem sofrido em maior proporção o feminicídio e violência doméstica e familiar ainda que, em tese, as leis as protejam da mesma forma que as mulheres brancas;
- A “**CATEGORIA GÊNERO**” enquanto instrumental de análise teórica e de práxis política possibilitou grandes avanços na busca de emancipação de mulheres e combate à opressão de gênero. Entretanto, tem-se observado que essa **emancipação é parcial** no que se refere ao conjunto de mulheres e diferenças raciais são convertidas em desigualdades de fato e de direito;



CRÍTICA À CATEGORIA GÊNERO COMO IMPERATIVO DE VISIBILIZAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS

NECESSIDADE DE ELABORAÇÃO DE CRÍTICA À CATEGORIA GÊNERO A PARTIR DAS EPISTEMOLOGIAS NEGRAS

HIPÓTESES

- concepção universalizante do Direito e seus epistemicídios que não incorpora as “experiências das mulheres negras”, muito menos as tem como “sujeitas de conhecimento”;
- concepção de gênero é racializada adotando a perspectiva racial das mulheres brancas;

Oyèrónké Oyěwùmí

pesquisadora feminista nigeriana,
professora associada de sociologia nos
Estados Unidos da América (EUA)

1997 - publicou sua tese de doutoramento chamada "A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero"

Gênero não é uma categoria universal. A ideia que as diferenças entre mulheres e homens se localizam nas práticas sociais e não na biologia, foi uma interpretação importante, foi radical numa cultura que assentava as diferenças na natureza, biologicamente determinada.

Porém a construção de gênero está enraizada na família nuclear como base da teoria feminista.

A família Yorubá é uma família **não genericada** e desafia várias ideias e pressupostos ocidentais das diferenças sexuais que são utilizados para interpretar a sociedade Yorubá.



Oyèrónké Oyěwùmí

FAMÍLIA YOURUBÁ: o princípio organizador é a antiguidade baseado na idade relativa e não em gênero. Os papéis são situacionais. A família Yourubá está assentada na linhagem/descendência/consaguinidade, categorias sociais fluídas que não se baseiam no tipo de corpo. Na sociedade Yourubá nenhum macho era inerentemente superior a uma fêmea em virtude de seu tipo de corpo. Linhagem cuja hierarquia não é de gênero, mas pela forma inicial de pertencimento à família (se por nascimento ou por casamento)

Egbon: o irmão mais velho ou a irmã mais velha.

Aburo: é o irmão mais novo ou a irmã mais nova.

Omo: designa criança/prole.

Oko: vale para homem ou mulher e designa os membros de nascimento de uma família.

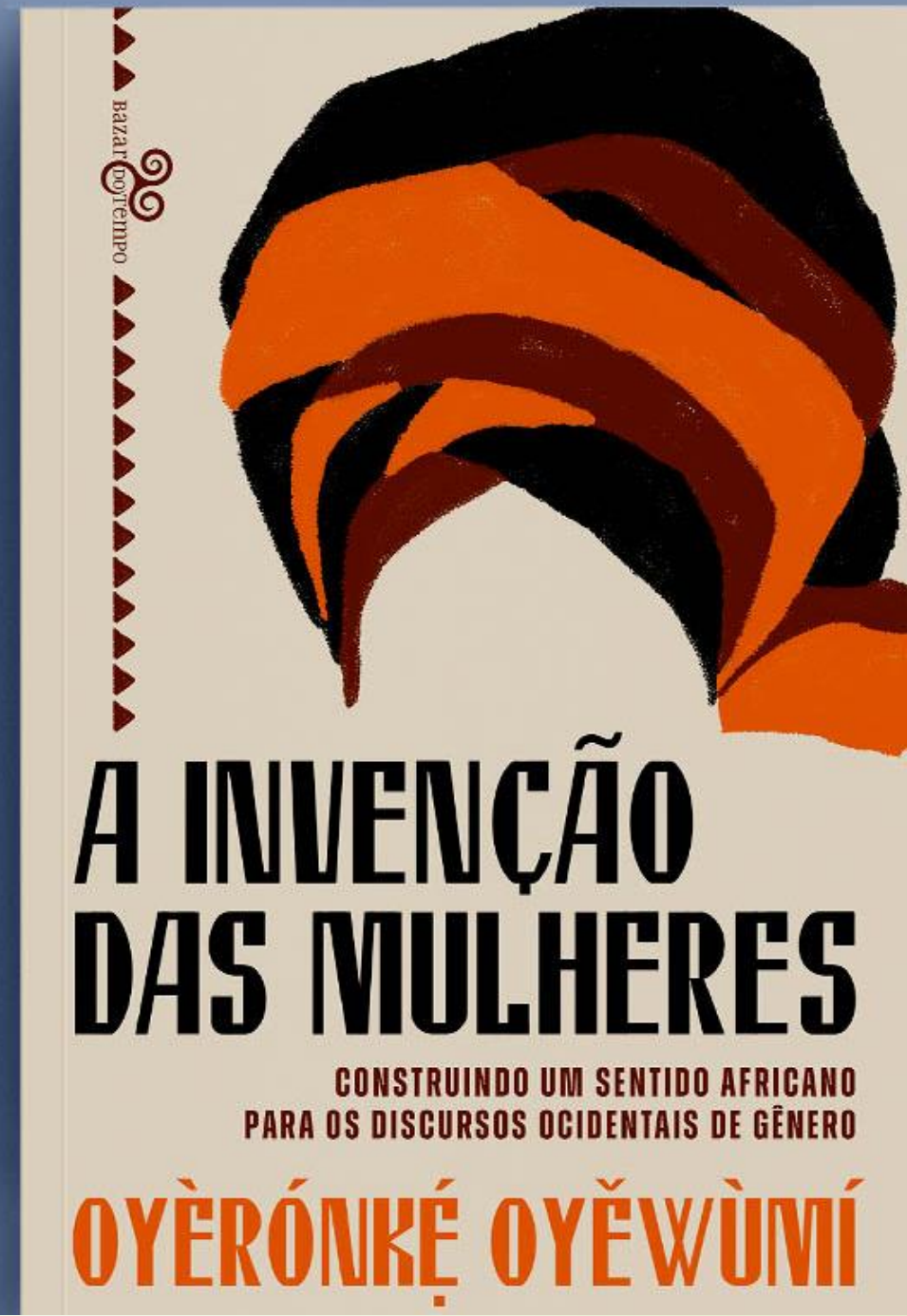
Iyawo: são as mulheres que entram na família pelo casamento.

Há hierarquia em que oko homem é superior a iyawo mulher, mas não de gênero, e sim pela forma inicial de pertencimento à família (nascimento v. casamento). Assim como **oko mulher será superior a iyawo**.

Omo-ile: membros de uma mesma linhagem, classificados por ordem de nascimento.

Iyawo-ile: é a classificação pela ordem de casamento.

Omoya: são os irmãos/filhos de uma mesma mãe/ventre e resalta a importância da maternidade.





**Heleieth Saffioti “O
Poder do Macho” p.
41-67, São Paulo:
Moderna, 1987**

A SUPREMACIA
MASCULINA
NA SOCIEDADE
CAPITALISTA

O PODER DO MACHO

HELEIETH I. B. SAFFIOTTI



► TRÊS ESQUEMAS BÁSICOS DE DOMINAÇÃO-EXPLORAÇÃO

Existentes em todas as sociedades e até nas socialistas (em certo grau):

Em ordem cronológica de aparecimento:

- PATRIARCADO
- RACISMO
- CLASSES SOCIAIS

SIMBIOSE: não foi o capitalismo, sistema de dominação-exploração muitíssimo mais jovem que os outros dois, que "inventou" o patriarcado e o racismo. Para não recuar demasiadamente na história, estes já existiam na Grécia e na Roma antigas, sociedades nas quais se fundiram com o sistema escravocrata. Da mesma maneira, também se fundiram com o sistema feudal. Com a emergência do capitalismo, houve a simbiose, a fusão, entre os três sistemas de dominação-exploração, acima analisados separadamente. Só mesmo para tentar tornar mais fácil a compreensão deste fenômeno, podem-se separar estes três sistemas. **Na realidade concreta, eles são inseparáveis, pois se transformaram, através deste processo simbiótico, em um único sistema de dominação-exploração, aqui denominado patriarcado-racismo-capitalismo.**

INTERSECCIONALIDADE

A interseccionalidade tem potencial político e crítico, vai além de uma vertente feminista, pode ser compreendida enquanto:

Marco teórico social crítico;
Ferramenta analítica para analisar identidades;
Contribuição teórica;
Paradigma de conhecimento;
Perspectiva;
Conceito;
Método.



INTERSECCIONALIDADE

- Intersecção de gênero com classe, raça, etnia, geração, orientação sexual, identidade de gênero, pessoas com deficiência, religião, origem, dentre outras;
- Desconstrução da mulher universal;
- Procura-se definir a categoria “mulher”, considerando particularidades, opressões, demandas e lutas específicas;
- Teóricas e ativistas: **EUA** - Kimberlé Crenshaw (1991); Toni Cade Bambara (1970); Combahee River (1979); June Jordan (1981); Ângela Davis (1981); Audre Lorde (1984); **Brasil** – Lélia Gonzalez (1970), Sueli Carneiro (1980);

Interseccionalidade na discriminação raça e gênero

Kimberlé Crenshaw

- ↴ A interseccionalidade como ponte para incluir questões raciais nos debates sobre gênero e direitos humanos e incluir questões de gênero nos debates sobre raça e direitos humanos.



“Todas as pessoas sabem que têm tanto uma raça quanto um gênero, todas sabem que têm experiências de interseccionalidade. No entanto, as leis e as políticas nem sempre prevêm que somos, ao mesmo tempo, mulheres e negras.”

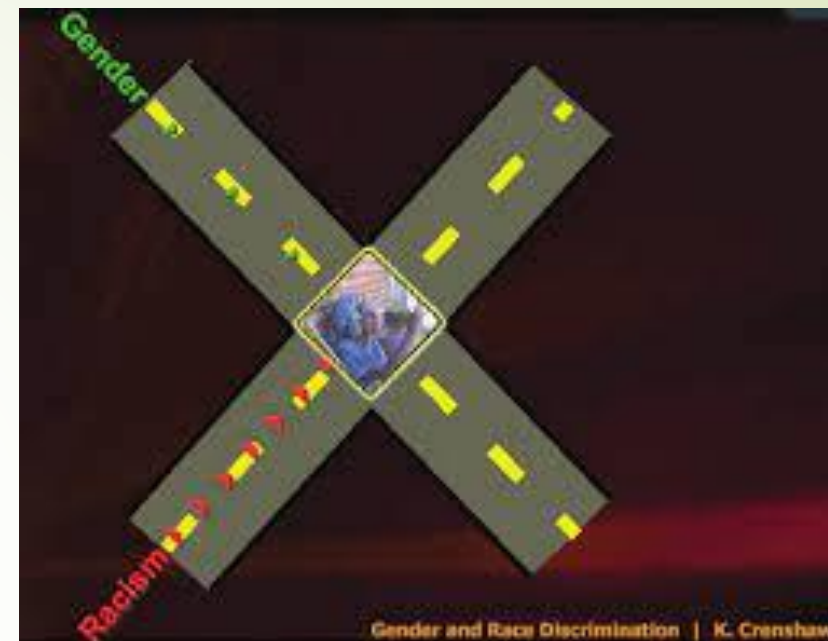
Interseções

Linhas diagonais (racismo e patriarcado)= sulcos profundos criados pelas políticas e práticas criadas com base na raça e no gênero

Linha horizontal (pós colonialismo) = parte ativa, o contemporâneo, que afeta, efetivamente, a interseção (mulheres negras)


Quando as três linhas se encontram, temos as colisões

Então, como o pós colonialismo afeta as mulheres negras?



O problema é duplo: superinclusão e subinclusão

Utilizar somente a perspectiva de gênero pode desconsiderar opressões específicas de determinadas mulheres. Todas as mulheres tem sofrido violência de gênero da mesma forma? Por que a violência de gênero tem atingido majoritariamente as mulheres negras? (superinclusão de gênero). Ou pode ocorrer a subinclusão de gênero das mulheres para tratar da discriminação ou violência apenas como se fosse um problema racial (subinclusão de gênero). **Nas abordagens subinclusivas da discriminação, a diferença torna invisível um conjunto de problemas; enquanto que em abordagens superinclusivas, a própria diferença é invisível.**



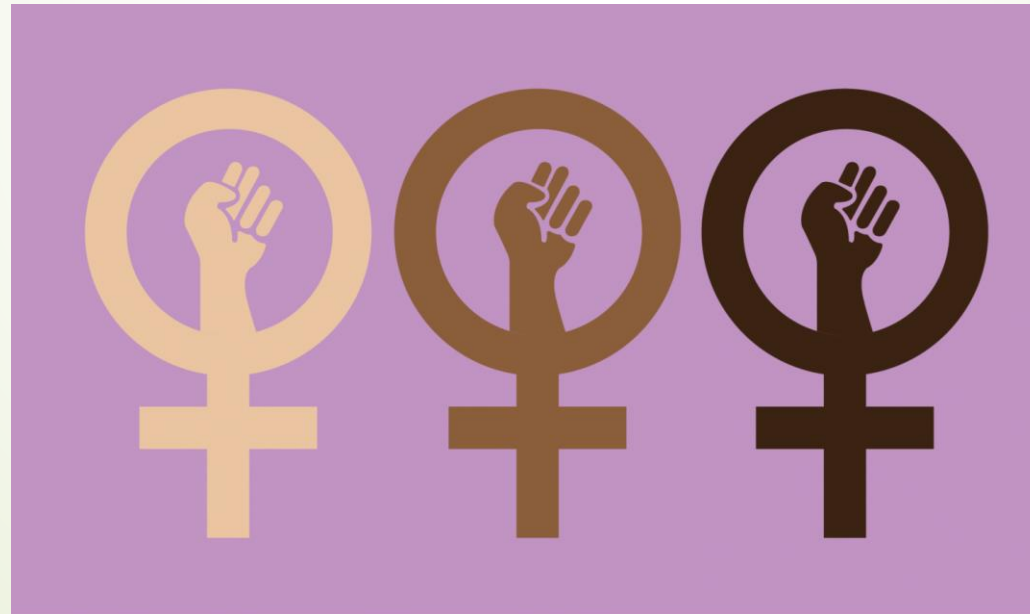
Raça e gênero vistos como problemas mutuamente exclusivos

Intervenções que priorizam uma questão por vez

Mulheres negras invisíveis, com seus problemas subincluídos

Repensando a interseccionalidade - Winnie Bueno

- Interseccionalidade - prática e conceito
- A prática interseccional é anterior ao conceito cunhado por Kimberlé Crenshaw
 - resistências articuladas nas lutas abolicionistas e no processo de resistência às violências da escravização de pessoas negras
- O conceito não é estanque, tem inconsistências e ambiguidades



Formas de compreender a interseccionalidade

- ↴ A interseccionalidade tem potencial político e crítico, vai além de uma vertente feminista, pode ser compreendida enquanto:
 - ↴ Marco teórico crítico;
 - ↴ Ferramenta analítica para analisar identidades;
 - ↴ Contribuição teórica;
 - ↴ Paradigma de conhecimento;
 - ↴ Perspectiva;
 - ↴ Conceito;
 - ↴ Método.

“ conjunto de ideias e práticas que sustentam que gênero, raça, classe, sexualidade, idade, etnia, status de cidadania e outros marcadores não podem ser compreendidos de forma isolada, sendo que estes articulam dinâmicas de poder que produzem realidades materiais desiguais e experiências sociais distintas coletiva e individualmente”

Problemática do esvaziamento político

- ↓ Apagamento do protagonismo das mulheres negras, mesmo em práticas denominadas interseccionais
 - ↳ Não é levado em conta o pensamento feminista negro
 - ↳ Mulheres negras incluídas apenas como “experiências vividas de dor e opressão”
- ↓ Tendo a interseccionalidade como ferramenta analítica, se reposicionam as relações de poder. É preciso rearticular o olhar sobre as mulheres negras



“Essas mulheres produzem um conhecimento ativo que possibilita que a cada nova geração a consciência a respeito da naturalização inscrita em imagens de controle que permeiam a mídia e colocam a mulher negra sempre no lugar marcado de uma Tia Anastácia contemporânea é ideologicamente organizada para que mulheres negras permaneçam em trabalhos precários e longe da disputa do mercado de trabalho”

Interseccionalidade e epistemicídio

- ↓ A universalização das experiências das mulheres favorece a manutenção da dominação.
- ↓ A opressão e o silenciamento são sentidos no corpo.
- ↓ Não condiz com a interseccionalidade a diminuição da importância política e acadêmica das vozes negras.

“ Enegrecer o feminismo é uma mudança de paradigma que ainda está em curso, e que só é possível a partir do compartilhamento crítico de múltiplas perspectivas do pensamento de mulheres negras, as quais não devem ser cerceadas, controladas ou hegemônicas por ninguém.”

Não existe hierarquia de opressão

- Audre
Lorde

- “eu não posso me dar ao luxo de lutar por uma forma de opressão apenas. Não posso me permitir acreditar que ser livre de intolerância é um direito de um grupo particular. E eu não posso tomar a liberdade de escolher entre as frentes nas quais devo batalhar contra essas forças de discriminação, onde quer que elas apareçam para me destruir. E quando elas aparecem para me destruir, não demorará muito a aparecerem para destruir você”
(<https://www.geledes.org.br/nao-existe-hierarquia-de-opressao/>)

Sueli Carneiro

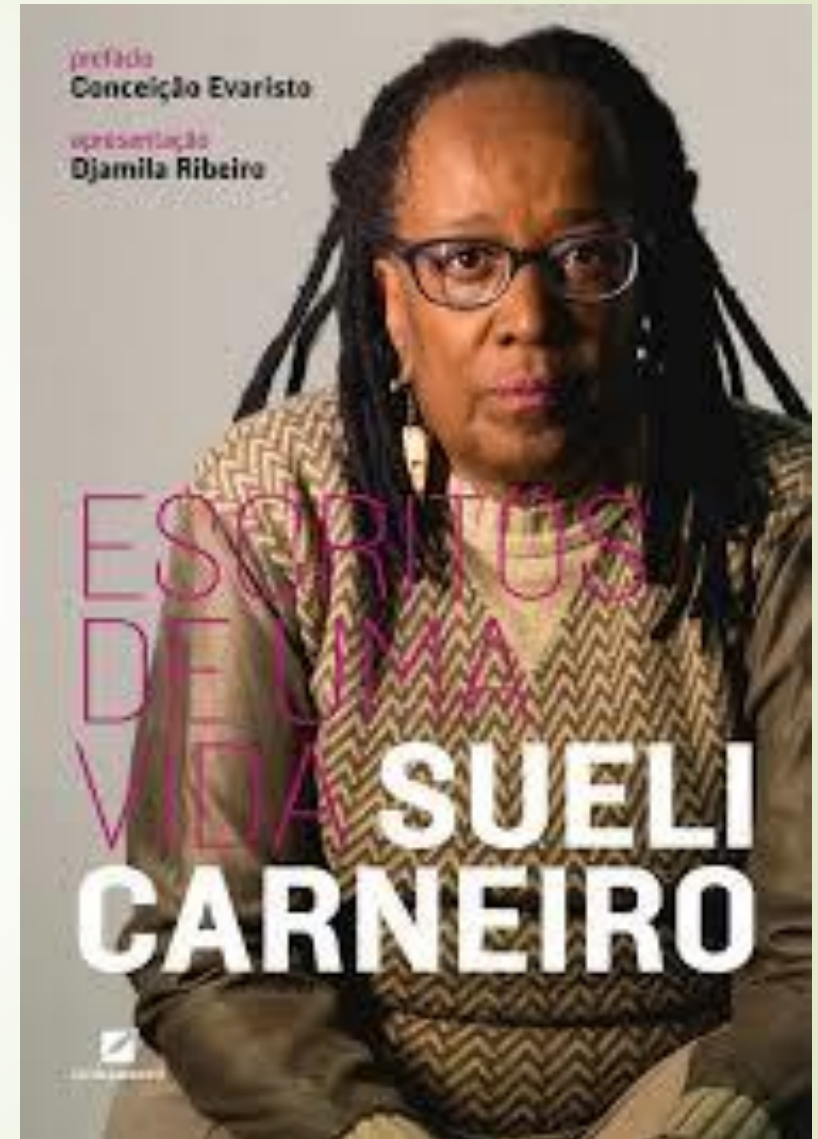
Filósofa e ativista

“Enegrecer o movimento feminista brasileiro significa colocar na agenda o peso que a questão racial tem sob a perspectiva da violência racial em relação às mulheres negras e seus familiares”

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, bem como os efeitos que a escravização tem na identidade feminina dessas mulheres até hoje.

Um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas. Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar. Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto.

A articulação de gênero e raça nos corpos das mulheres negras traz, ainda, importantes implicações sobre os corpos das mulheres negras, que ora são hipersexualizadas, ora imunes à dor, ora capazes de empreender grande força e de realizar muito esforço físico e trabalhos pesados. O ideal de beleza é o da mulher branca caracterizando uma acentuada desvantagem no mercado afetivo e uma situação de “solidão”.

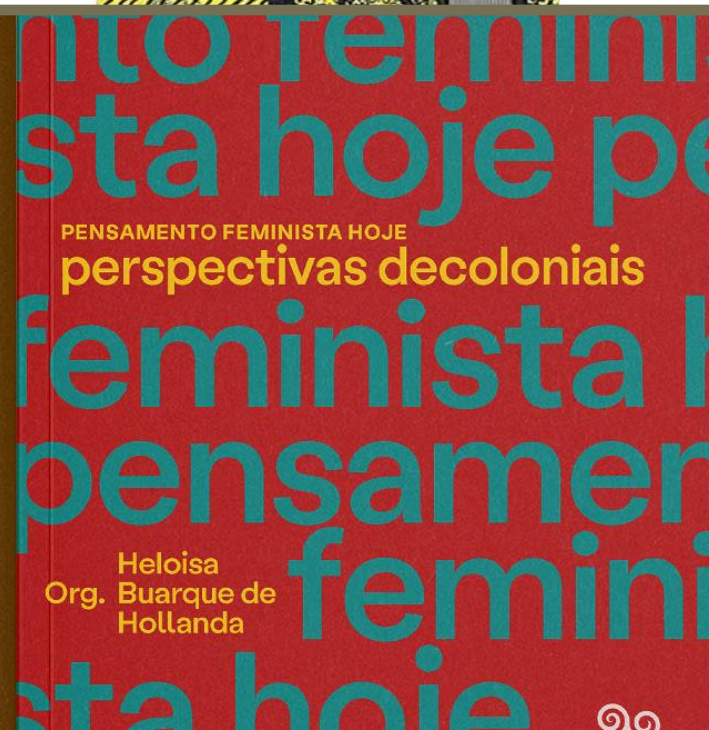




Lélia Gonzalez

Professora, filósofa e ativista.
“pretuguês”; “amefricanidade”;
América Ladina”

- Articula feminismo e racismo e se pergunta como explicar o “esquecimento” da raça pelo feminismo, caracterizando o que diz se chamar “racismo por omissão”, cujas raízes se encontrariam em uma visão de mundo **eurocêntrica** e **neocolonialista**.
- O movimento feminista tem suas raízes históricas mergulhadas na classe média branca, o que fez com que tivesse dificuldade de perceber as disparidades de raça e classe no interior do grupo populacional feminino.



Colonialismo x Colonialidade

O colonialismo estabeleceu uma relação de dominação política, social e cultural dos europeus sobre todos os conquistados. A colonialidade prossegue na colonização do imaginário dos dominados (ANÍBAL QUIJANO, 1992). MARIA LUGONES; YUDERKYS ESPINOSA MINÕSO; OCHY CURIEL

- Os processos históricos-administrativos de descolonização de um território, de término do colonialismo não garantem que os discursos que circulam nele e sobre ele tenham superado a lógica colonial.
- Feminismo civilizatório*: adotou e adaptou os objetivos da missão civilizatória colonial, oferecendo ao neoliberalismo e ao imperialismo uma política de direitos das mulheres que serve a seus interesses.
- Feminismo decolonial*: que tenha por objetivo a destruição do racismo, do capitalismo e do imperialismo.
- Feminismos de política decolonial*: se apoiam na longa história das lutas de suas antepassadas, mulheres autóctones durante a colonização, mulheres reduzidas à escravidão, mulheres negras, mulheres na luta de libertação nacional, mulheres racializadas que lutam cotidianamente nos dias de hoje.
- Feminismos de política decolonial*: se inscrevem no amplo movimento de reapropriação científica e filosófica que revisa a narrativa europeia do mundo. Contestam a economia-ideologia da falta, essa ideologia ocidental-patriarcal que transformou mulheres, negras/os, povos originários, povos da Ásia e da África em seres inferiores marcados pela ausência de razão, de beleza ou de um espírito naturalmente apto à descoberta científica e técnica.

OBRIGADA

